



A ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA: REVISTA ILLUSTRADA E ARTISTICA –

Foi lançada em Lisboa, em Junho de 1884, através de um **número prospecto**, que, no tom entusiástico da publicidade popular, contava a história do projeto editorial desde o estímulo inicial até à aquisição das máquinas. É muito interessante a vários níveis, nomeadamente como testemunho do empreendedorismo nacional de tipo *capitalista*, próprio deste período: «Há perto d'anno e meio appareceu entre nós uma publicação intitulada *Illustração Iberica*. Era feita em Barcelona, continha muitas gravuras primorosas, excelentes artigos e offerencia-se ao publico a 30 réis cada numero. Este milagre prometia arruinar os editores portuguezes e todos se assustaram. [...] e assustando-nos com o mal que de futuro podíamos e devíamos sofrer, procurámos por todos os modos um meio de concorrência em tudo equal, quer na qualidade quer na barateza, e foi esse por muitos mezes o nosso sonho de todos os dias. [...]». A *Illustração Portuguesa* publicou-se, semanalmente, entre **Julho de 1884 e Outubro de 1890**, totalizando **260 números**, em 5 anos de existência. No entanto, o último ano já foi cumprido em esforço, com tradução ao nível da regularidade.

Foi, portanto, contemporânea do *segundo rotativismo*, viabilizado por duas revisões legislativas – lei eleitoral¹ e Constituição² –, realizadas durante o **ministério regenerador de Fontes Pereira de Melo**³, com o acordo do partido

¹ A nova lei, de 21 de Maio de 1884, adotou o princípio da «representação das minorias». Assim, através da introdução de círculos uninominais nas capitais de distrito, e de um regime de escrutínio misto (voto maioritário, limitado e por acumulação), passou a garantir à oposição um certo número de lugares (22 em 169), ou seja, os lugares da Câmara de deputados eram previamente divididos entre os dois maiores partidos.

² O II Acto Adicional (lei de 24 de Julho de 1885) veio, sobretudo, dar resposta à exigência da extinção do pariato hereditário, por parte dos progressistas e dos republicanos. A Câmara dos Pares passou a ser constituída por «cem membros vitalícios, nomeados pelo rei, de cinquenta membros electivos, e dos pares por direito próprio» (alto clero e príncipes).

³ António Maria Fontes Pereira de Melo (1819-1887): militar de carreira, acabou por se dedicar essencialmente à política. Foi um dos ministros mais ativos e prestigiados do país. Começou por ser deputado, pela mão de Saldanha (1847) e, quando este tomou o poder (1851), foi nomeado ministro da Marinha (1851). A partir desta data, Fontes Pereira de Melo nunca mais esteve longe do centro do poder, ora como deputado, ora como ministro. Foi um produto da Regeneração e o maior líder do partido Regenerador. Ideologicamente era um liberal, mas defendeu sempre um Estado interveniente, dinamizador dos investimentos necessários ao desenvolvimento económico do país. O designado por «rotativismo» a que ficou associado, foi



progressista. Com estas iniciativas, e sob a aparência de ceder à oposição, Fontes assegurou a manutenção do sistema de alternância no poder das duas principais formações partidárias monárquicas, os partidos regenerador e progressista, e a continuidade da política de fomento económico e melhoramentos materiais em que andava empenhado.

O consulado fontista perdurou até Fevereiro de 1886, quando uma crise regional, envolvendo Guimarães e Braga, levou o governo a demitir-se. Constituiu-se então um governo progressista, chefiado por José Luciano de Castro, que se manteve até à crise provocada pelo *Ultimatum*. Foi também nesse contexto que a *Ilustração Portuguesa* considerou que era finda a sua missão e lançou despedidas aos leitores. **A Ilustração Portuguesa** foi um projeto do “grupo” do *Diário Ilustrado*⁴, órgão dos regeneradores, como decorre da utilização da sua tipografia e da apresentação do mesmo endereço como sede da Administração. No próprio *Diário*, por altura do lançamento da revista, encontram-se outros testemunhos desse laço filial, quer sob a forma de pequenas notícias, quer sob a forma publicitária. As afinidades estendem-se ainda à linha editorial e gráfica, bem como à carteira de colaboradores.

DIREÇÃO, COLABORAÇÃO E EDITORIAS

A *Ilustração Portuguesa* nunca assumiu a existência da figura de um diretor, de resto essa parece ser uma marca dos periódicos da iniciativa do editor **Pedro Correia da Silva**. Possivelmente assumia ele a direção. Também não é apresentado nenhum corpo redatorial, embora junto ao título se enumerem os

o sistema concebido para garantir a estabilidade política necessária ao prosseguimento dessa estratégia.

⁴ Este jornal, que se publicou entre 1872 e 1911, foi fundado por Pedro Augusto Correia da Silva (1836-1893), jornalista e editor, membro do partido regenerador, pelo qual foi eleito deputado, em várias legislaturas e por diferentes círculos (1875-78, 1879 e 1880-81, Díli, Timor; 1882-1884, Sertã; 1884-1887 e 1887-89, Margão, Índia). Também foi eleito par do reino, pelo distrito de Évora, em Abril de 1890. Como editor desenvolveu uma atividade intensa, quer no universo do livro, quer no da imprensa periódica: criou as coleções *Biblioteca dos dois mundos*, *Biblioteca Pedro Correia* e *Biblioteca Económica*; publicou a *História de Portugal*, de Pinheiro Chagas, o *Diccionario Popular*, que ele dirigiu, e outras obras que este autor traduziu; também publicou obras de Camilo Castelo, Balzac, Alexandre Dumas, etc.; fundou o *Correio da Europa* (1878-1922) e *O Portugal Pitoresco* (1883-85). No *Diário Ilustrado*, n.º 43, de 1886, Pinheiro Chagas, evoca-o nas suas «Recordações de Jornalista», p. 3.



colaboradores. Mas verificou-se que esse rol é bastante incompleto e pouco rigoroso. De entre os diversos colaboradores, destacam-se três, pela assiduidade e extensão da produção: **Casimiro Dantas**⁵, que assegurou a grande maioria das crônicas⁶, sobretudo nos três primeiros anos; **Pinheiro Chagas**⁷, à data **ministro da Marinha**, a quem se ficaram a dever muitos dos estudos, ensaios e recensões críticas, fundamentalmente de natureza histórica e literária, que fizeram a substância da *Ilustração Portuguesa*; e **Guiomar Torrezão**⁸, com um vasto contributo literário e ensaístico, com enfoque na

⁵ Casimiro Augusto Vanez Dantas (1850-1904) foi oficial do exército, alcançando o posto de General; simultaneamente, dedicou-se ao jornalismo político e publicou alguns livros. Militou sempre no partido regenerador e a sua atividade como jornalista desenvolveu-se em articulação com essa militância. Trabalhou com o *Diário da Manhã*, o *Diário Ilustrado*, o *Correio da Europa*, entre outros periódicos. Também publicou e fez tradução. Na *Ilustração Portuguesa*, a acreditar no estilo e no tom, também assinou sob os pseudónimos «Santilhana» e «Diabo Azul», além de usar as siglas «C.D.» e «D.».

⁶ Outros autores e “identidades” que assumiram a autoria das crônicas foram: Alberto Pimentel, Joaquim Lima, J. M. da Costa, Eugénio de Castro, Azulay, Esmeralda, Santilhana, William, entre outros.

⁷ Manuel Joaquim Pinheiro Chagas (1842-1895) foi jornalista, político, escritor, dramaturgo, tradutor, historiador, crítico literário e professor universitário. Como político começou por estar ligado ao partido Constituinte, que acabou por ser integrado no Regenerador. Foi deputado, por diferentes círculos, em diversas legislaturas (1871, 1874, 1878, 1880, 1881, 1884, 1887, 1889 e 1890) e nomeado par do reino em 1892. Também foi ministro da Marinha, em dois gabinetes de Fontes Pereira de Melo, entre Outubro de 1883 e Fevereiro de 1886, num momento decisivo da disputa de África pelas potências europeias. Na imprensa, há a registar a sua colaboração na *Revolução de Setembro*; a direção política de *A Discussão*, que deu origem ao *Diário da Manhã*, que também dirigiu; mas a sua prosa e poesia encontram-se disseminadas por muitas outras publicações. Fez parte da *geração de 70*, participando na célebre *Questão Coimbrã*, com o opúsculo *Bom senso e bom gosto*; defendeu o encerramento das *Conferências Democráticas do Casino*. Como escritor deixou extensa obra, que lhe granjeou grande popularidade.

⁸ Guiomar Delfina de Noronha Torrezão (1844-1898) foi uma das primeiras mulheres portuguesas a alcançar o título de escritora, isto é, a sobreviver das letras. Ficou a devê-lo, sobretudo, à sua capacidade de produzir, com criatividade, e à sua grande determinação e entrega. Ficou órfão de pai muito cedo. O primeiro livro que publicou, *Uma alma de mulher*, foi bem recebido e abriu-lhe as portas da imprensa, onde ganhou notoriedade. Manteve uma produção intensa de artigos, contos e novelas para periódicos como o *Diário Ilustrado*, o *Reporter*, *As Instituições*, *A Ilustração Portuguesa*, entre outros. Em 1871, fundou o *Almanach das Senhoras*. Simultaneamente, foi redigindo os seus livros, muitos refletindo sobre a vida no feminino, e também fez muita tradução, conseguindo desta forma garantir o pecúlio necessário à sua sobrevivência e da mãe.



mulher. Outros autores que marcaram presença durante períodos de tempo significativos foram: Eça d'Almeida, Castor, Alberto Osório de Castro (1869-1946), Eugénio de Castro (1869-1944), Sérgio de Castro (1851-1929), José Maria da Costa, Magalhães Fonseca, Alfredo Gallis (1859-1910), Guerra Junqueiro (1850-1923), Joaquim Lima (1858-1928), Gervásio Lobato (1850-1895), Bulhão Pato (1829-1912), Alberto Pimentel (1849-1925), Eduardo Sequeira (1861-1914), Lorjó Tavares (1857-1939), Alberto Telles (1840-1924). Mas, pontualmente, a *Ilustração Portuguesa* teve a colaboração de muitos outros autores e algumas autoras⁹.

A *Ilustração Portuguesa* manteve inalterável a sua estrutura de editorias, ou seja a forma como distribuía as matérias pelas páginas, não obstante ter conhecido um ligeiro aumento do seu número (de 8 passou para 12) quando iniciou o seu segundo ano de edição.

A abrir, **uma crónica**, de travo humorístico, que tanto tomava por assunto a atualidade política (nacional e internacional) e cultural (com especial enfoque no teatro e na música), como se lançava na crítica de costumes e práticas e também dos *fait divers* da semana. Depois, distribuía-se os **textos literários e não literários**, que faziam a oferta de leitura da revista. Não raras vezes, foram publicados de forma faseada, devido à sua extensão. Do conjunto, fazem parte algumas obras inéditas ou, pelo menos, trechos delas. Segue-se a rubrica «**As nossas gravuras**», onde figuram comentários ou textos informativos sobre as imagens publicadas. O conjunto inclui reproduções de quadros de autores estrangeiros e muitos desenhos (retratos de personalidades, paisagens, monumentos, obras públicas, catástrofes, etc.), na sua maioria, gravados por **Pastor** (1850-1922)¹⁰, mas também por **Cazzelas** (Domingos Cazzelas Branco, 1855-?), **Lallemant** (provavelmente, Luciano

⁹ As autoras são: D. Adelina Samora de Almeida (n.º 23/1887, n.º 28/1888 e 29/1888); Albertina Paraízo (n.º 19/1888), Margarida de Sequeira (n.º 19/1887, n.º 25/1888, n.º 30/1888), Maria Amália Vaz de Carvalho (n.º 23/1884); Maria do Val (n.º 24/1886); D. Isabel Maria Lopes de Mendonça (n.º 10/1884).

¹⁰ Nascido em Alcoy, Espanha, Francisco Pastor estabeleceu a sua oficina em Lisboa, em 1873. Trabalhou para a revista *O Occidente*, mas a convite de Pedro Correia Silva acabou por se associar à equipa do *Diário Ilustrado*. Daí em diante, Pastor participou na maior parte dos projetos editoriais desenvolvidos por Pedro Correia. Após o falecimento do editor, Pastor assumiu mesmo a direção do *Correio da Europa*, além de manter a sua colaboração nos outros periódicos. Paralelamente, Pastor abriu uma casa editora, onde concretizou projetos de grande envergadura. Acabou por falecer em São Paulo, Brasil, onde se deslocara em trabalho.



Lallement), **Pedroso** (provavelmente, João Pedroso Gomes da Silva, 1823-1890), entre outros. Mais pela sua natureza precoce do que pelo seu número, deixamos notícia da presença de **raros registos fotográficos** com a assinatura de **Biel**¹¹ e **Carlos Relvas**¹². Refira-se ainda que com cada número era distribuído um «brinde», na forma de «uma magnífica gravura tirada á parte, medindo duas páginas da *Ilustração Portuguesa*, sem texto nas costas e própria para emoldurar.»¹³ Por último, vinha a rubrica «**Em família**», com passatempos, jogos, charadas e os, sempre úteis, conselhos. Estes, são, na sua maioria, orientados para o **público feminino**, que, sublinhe-se, parece estar na mira da *Ilustração Portuguesa* desde o primeiro minuto. Esse enfoque é, de resto, uma das características mais curiosas da revista e a ele retomaremos depois de concluída a descrição do objeto.

A *Ilustração Portuguesa* praticou um **preçário** que se pode considerar económico, por comparação com o de outras publicações similares, como, por exemplo, a revista *O Occidente*¹⁴: em 1884, a primeira, custava **30 réis/semana**, e a segunda, 120 réis/quinzena. Uma diferença razoável, mesmo descontando a superioridade d' *O Occidente*, nomeadamente em aspetos relacionados com a dimensão e a qualidade do papel e da impressão. Em conclusão, tirando partido das invenções da época – tempo da eletricidade, do telefone, dos comboios, etc. – **a *Ilustração Portuguesa* configura um projeto editorial mais popular, isto é de preço mais acessível**: «Graças á mechanica e á chimica, tornou-se possível multiplicar até ao infinito o livro e o jornal, e como consequencia d'isso, barateal-os até ao inverosímil. Há muito que lá fora as ilustrações populares formam o mais culto prazer do povo; em

¹¹ Carl Emil Biel (1813-1914), alemão de nascimento, depois de se fixar em Portugal, passou a usar o nome de Carlos Emílio Biel. Interessou-se pela fotografia e acabou por abrir uma casa comercial, dedicando-se ao negócio. Fez nome como "E. Biel & Cia". Era amigo de Carlos Relvas, considerado primeiro fotógrafo amador português.

¹² Carlos Relvas (1838-1984) nasceu na Golegã, filho de um abastado proprietário da região. O seu interesse pela fotografia levou-o a viajar pela Europa para conhecer o estado da arte. De regresso à Golegã, montou um estúdio bem apetrechado, contribuindo assim para a divulgação das últimas inovações técnicas. Embora amador, as suas fotografias eram muito apreciadas e valeram-lhe alguns prémios em exposições.

¹³ Cf. caixa publicitária publicada na pág. 1, do *Diário Ilustrado*, n.º 4003, de 24/06/1884, e repetida nos números seguintes.

¹⁴ O *Occidente* encontra-se disponível na Hemeroteca Digital.



Portugal data de poucos anos, e a *Ilustração Portuguesa* foi das primeiras a romper a marcha.»¹⁵

O PROGRAMA

Conotada com o partido regenerador e lançada ao tempo da eleição para a constituinte, a *Ilustração Portuguesa* não podia deixar de estar sintonizada com a **política liberal** prosseguida pelo ministério de Fontes Pereira de Mello. Mas fê-lo com grande discrição. De facto, embora não excluísse o comentário político das suas páginas, a revista não alimentou polémicas e procurou definir-se como uma **publicação generalista**, especialmente votada às literaturas, às artes e a outras formas de expressão da cultura, da história e do progresso nacionais, **aparentemente orientada para o público feminino**.

Assim se teria apresentado ao público, como pode ler-se na crónica que faz o balanço do segundo ano de edição: «uma grande parte do sucesso por ela alcançado é devido a si própria, ao religiosíssimo escrúpulo com que tem sabido cumprir o seu programma inicial, á rigorosa e inquebrantável honestidade de palavra que sempre manteve, sem trepidar diante dos mais esmagadores sacrifícios.» E mais à frente, numa alusão clara aos compromissos assumidos: «Acenou ás suas gentilíssimas leitoras com a prosa brilhante dos nossos primeiros estilistas, e deu-lhes artigos de Pinheiro Chagas, Luiz Palmeirim, Bulhão Pato, Benalcanfor. Prometteu contos modernos, cheios de graciosidade, e apresentou-lhes Julio Machado, Alberto Pimentel, Gervasio Lobato, Barros Lobo. Inscreveu, no rol dos seus colaboradores poetas, os nomes de Fernando Caldeira, Francisco Palha, Thomaz Ribeiro, visconde Monsaraz, e serviu deliciosos versos de todos eles, e fez crescer a ala selecta d'aquelles vates, juntando-lhe Joaquim Lima, Joaquim de Araujo, Alvaro de Castellões, Eça d'Almeida, Coelho de Carvalho, Augusto de Lacerda, António Feijó, a mocidade em flôr, a geração nova exuberante de talento e de alegrias. Se ella até teve artes de dar, em primeira mão, versos de Camillo, o grande Camillo, que passa metade da vida a escrever só prosa encantadora, e a outra metade a cuidar do seu organismo enfermo no retiro de S. Miguel de Seyde!».¹⁶

¹⁵ Cf. «Chronica» do n.º 51, de 1887, pp. 2.

¹⁶ Cf. *Chronica*, do n.º 52, de 1886, pp. 1-2.



Refira-se ainda, que o direcionamento para o público feminino era corroborado na «Chronica» que, muitas vezes, mas nem sempre, era dirigida explicitamente às leitoras. **E essa polarização oscilante da crónica, ora nelas, ora neles, é de facto curiosa e até invulgar.** Poderia até ser a tradução de uma perspetiva igualitária dos dois sexos, mas seria um arrojo na época. Mesmo considerando que algumas mulheres já vinham lutando pelo direito à cidadania; e que a revista era aberta à colaboração feminina. De resto, das raras vezes que a *Ilustração Portuguesa* abriu espaço à opinião sobre o tema veiculou posições bastante conservadoras.

Nas crónicas de Casimiro Dantas encontram-se alguns dos piores testemunhos desse conservadorismo. Quando se dirigia às «suas leitoras», o cronista enveredava, invariavelmente, por um tema ligeiro ou divagava sobre a falta dele. Aos seus olhos, a leitora era um ser caprichoso que tinha de satisfazer: «(...) Quer tenhamos mote para a nossa palestra hebdomadária, de duas columnas de prosa, quer nos sintamos perfeitamente axhauridos de recursos para lhe amenisar as agruras do ménage com duas historietas desopilantes, a implacável leitora não dispensa o *tête-à-tête*, e exige para ali a prosa, a confidencia do escandalosinho que não houve, a noticia do baile que não se realizou, os comentários ao facto que não se deu. – Escasseia-lhe o assumpto? Poi invente-o!». ¹⁷

Em conclusão, **a valorização que a mulher assume na *Ilustração Portuguesa* é ilusória ou, pelo menos, reveste-se de bastante ambiguidade.** Seria determinada por razões de ordem meramente comercial ou era um reflexo da estratégia política dos regeneradores, orientada para o apaziguamento social, para a esvaziamento das reivindicações mais democratizantes?

A mesma sofisticada modela as abordagens de cariz político. Aliás, **a intervenção política, numa versão combativa, instigadora de polémicas, foi mantida afastada das páginas da *Ilustração Portuguesa*.** Quanto muito, usava-se a «Chronica» para lançar uma farpa mais serrilhada. **Mas é notório o esforço para manter um certo distanciamento crítico em relação aos acontecimentos, às forças partidárias e às personalidades referidas.**

¹⁷ Conf. «Chronica» do n.º 12, de 1884, pp. 1-2.



A acreditar em alguns desabafos que vão escapando por entre as linhas, a contensão das paixões fazia parte das regras, era uma espécie de “código” editorial: «Em verdade, é difícil vir para aqui, para este sossegado cantinho da chronica alegre e brincalhona, tendo-se primeiramente de alijar, à porta, a bagagem pezada de adjectivos de combate, que nos acabaram de servir na elaboração d’um artigo politico, e narrar despreocupadamente, facetamente, de animo sereno e imperturbável, em prosa chã, que não fira gregos nem troyanos, sucessos da ultima hora, mais ou menos censuráveis, acontecimentos do dia verberados horas antes, pela nossa mesma penna, em publicações d’outra índole.\ É difícil, mas tem de fazer-se: exige-o a feição jovial d’este semanário, ordena-o o enfado naturalíssimo das leitoras (...)».¹⁸

Mas a atividade governativa, sobretudo aquela que se materializava em melhoramentos materiais ou refletisse a determinação na defesa dos territórios coloniais, era assunto recorrente, sobretudo pela pena do ministro jornalista, Pinheiro Chagas.

Rita Correia

Lisboa, 1 de Novembro de 2012.

BIBLIOGRAFIA

Dicionário Biográfico Parlamentar, coord. Maria Filomena Mónica. Vols. I e II. Lisboa: Instituto de Ciência Sociais da Universidade de Lisboa e Assembleia da República, 2005. ISBN: 972-671-120-7, 972-671-145-2.

Grande enciclopédia portuguesa e brasileira. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Lda., 1978.

História de Portugal. Dos Tempos Pré-Históricos aos Nossos Dias, dir. Medina. Vol. IX – A Monarquia Constitucional. Lisboa: Ediclube, 1998. ISBN: 84-407-0260-4.

ANDRADE, Adriano da Guerra – *Dicionário de pseudónimos e iniciais de escritores portugueses*. 1.^a Edição. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1980.

¹⁸ Conf. «Chronica», do n.º 10, de 1884, pp. 1-2.



LAPA, Albino – *Dicionário de Pseudónimos*. Compilado por Maria Teresa Vidigal. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1980.

OUTEIRINHO, Fátima – *Guiomar Torrezão ou memória de uma mulher de letras oitocentista*. No sítio: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5922.pdf> [Consultado em 24/10/2012]

Casa Estúdio Carlos Relvas. Golegã-Portugal. No sítio: <http://www.casarelvas.com/site/pt/php/vida.php> [Consultado em 01/11/2012]